



# A América e seus novos descobridores

ZULEIKA ALVIM

ZULEIKA ALVIM é doutora em História Social pela Universidade de São Paulo.

"Toda esta terra tem montanhas muito altas e muito belas, nem áridas, nem rochosas e bastante acessíveis aos vales magníficos. Como as montanhas, os vales são também cheios de árvores altas e frescas, que se tem grande alegria em olhar... As árvores estão lá tão exuberantes, que suas folhas quase deixam de ser verdes e se tornam escuras por conta da intensidade do verde" (1).

Este trecho, extraído do diário de Cristóvão Colombo, na sua terceira viagem ao Novo Mundo, em 1492, pouco difere das observações de outros homens e mulheres que desembarcaram no Brasil entre 1870 e 1920, num fenômeno migratório sem precedentes(2).

Extasiados diante do que viam, mas sem a possibilidade de um diário, porque poucos sabiam escrever, o que fala por eles é o relato de um observador: "... os imigrantes olham com curiosidade a paisagem completamente nova para eles, admiram a vegetação na sua exuberância, os bosques luxuriantes e as plantações de bananas. 'Quanta lenha abandonada', exclamam. Diante da visão de um pasto com algumas vacas e que ao longe apresentava uma plantação de cana, eles começaram a gritar de alegria. 'Olha!, aqui tem até açúcar', exclamam" (3).

Esses homens, como Cristóvão Colombo, também eram italianos, mas, diferentemente dele, não estavam a serviço de reis, não esperavam encontrar ouro e pedras preciosas e muito menos estavam preocupados com a "propagação da fé cristã", que grande parte dos analistas mostra como a justificativa ideal encontrada para as atrocidades cometidas quando do descobrimento da América(4). O único objetivo desse novo contingente de "descobridores" da América era conseguir condições de vida que os poupassem da miséria a que estavam condenados no país de origem.

Quatro séculos haviam-se passado. A América deixara de ser uma suposição de exploradores medievais ou o "paraíso terrestre" que se acreditava existir entre os séculos X e XV em terras que Sérgio Buarque de Holanda, no seu magistral *Visão do Paraíso*, coloca como brasileiras(5). Deste suposto paraíso restara o lúgubre palco do "maior genocídio da história da humanidade", como diz T. Todorov ao analisar o século subseqüente ao descobrimento da América e à implantação da colonização espanhola nesse continente.

A riqueza representada pelo ouro e pedras preciosas há muito desaparecera e uma boa parte da pujante natureza já estava destruída, se lembrarmos apenas do que foi o ciclo do açúcar na costa brasileira.

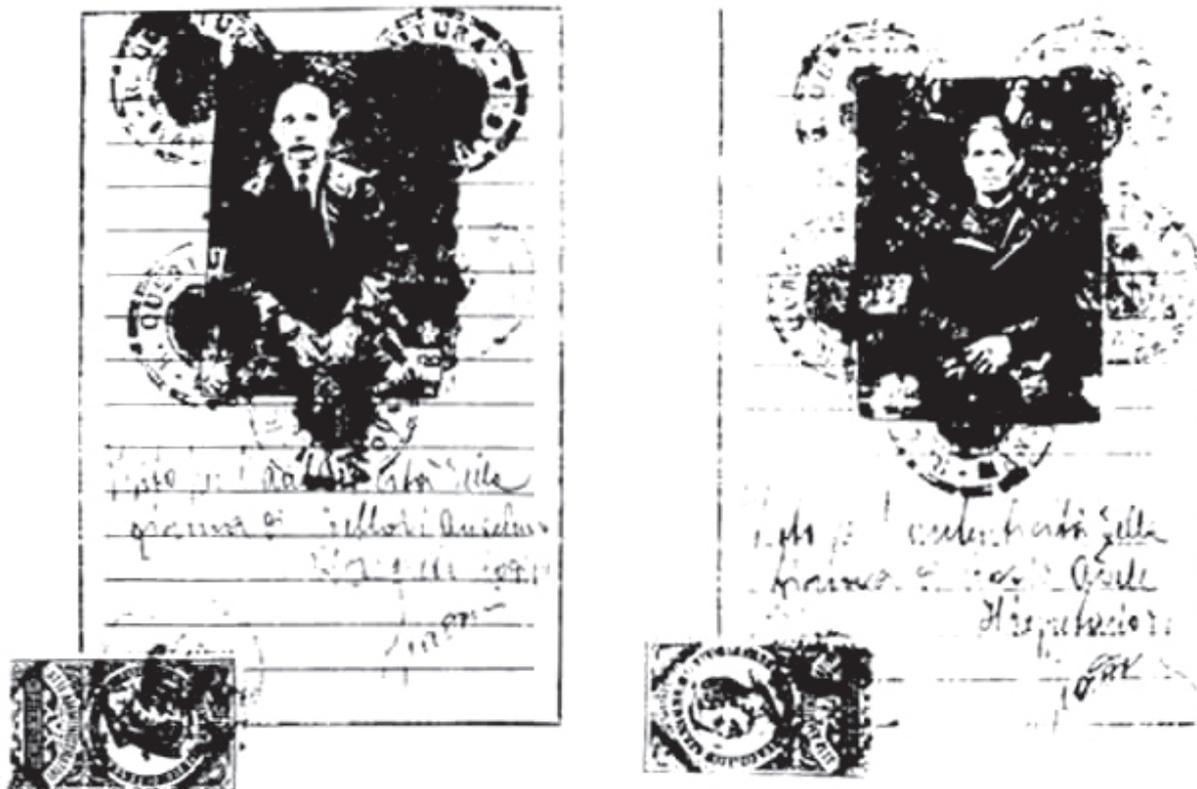
1 T. Todorov, *La Conquête de L'Amérique*, Paris, Editions du Seuil, 1982, p. 31.

2 Entram no Brasil entre 1870 a 1920, aproximadamente 3.200.000 estrangeiros. Deste total, os italianos contribuíram aproximadamente com um contingente de 1.400.000.

3 A. Rossi, "Le condizioni dei coloni italiani nello Stato di San Paolo", in *Bollettino dell'Emigrazione*, Roma (7), 1902, pp. 3 a 66.

4 T. Todorov, op. cit., p. 18.

5 S. B. Holanda, *Visão do Paraíso*, Col. Brasiliense, vol. 33, São Paulo, Companhia Editora Nacional/Editora da USP, 1969.



No entanto, esses novos descobridores ainda se encantavam com o que viam ao chegar, ante o esplendor da natureza, pródiga em árvores e frutos. Mais do que a aura de lenda que cercava o continente, tal apelo do cenário talvez proviesse da sugestão de fartura exercida sobre seres longamente submetidos a dificuldades de subsistência. Esse estupor, porém, ainda que calcado na fome, tinha uma explicação um pouco mais complexa do que os fatores econômicos, estes, sim, determinantes da grande miséria que assolava não só a Itália, mas toda a Europa dos séculos anteriores ao grande êxodo para a América. Esses homens eram também portadores de uma cultura e de um imaginário que os levava a ver o Novo Mundo não apenas como um eldorado, mas também como uma saída para escapar à proletarização imposta nos séculos XVIII e XIX à grande parte do campesinato europeu.

As manifestações da cultura popular, como diz um de seus estudiosos, C. Ginzburg(6), passaram a ser objeto de interesse histórico praticamente no início dos anos 60. As minorias, até então analisadas sobretudo em contraposição aos grupos dominantes, começam a partir daí a constituir tema de interesse em si. Assim, o folclore, a magia, as crenças religiosas, os mitos, entre outros, inspiram cada vez mais estudos aos historiadores.

Para escândalo de muitos pesquisadores ortodoxos, que viam as mudanças das mentalidades como um reflexo imediato das mudanças econômicas ocorridas no seio da sociedade, admitir que "o social é mais lento que o econômico e o mental mais ainda do que o social"(7) não foi um exercício indolor, e a quantidade de papel consumido neste embate teórico(8) está aí para mostrar como o novo e conseqüentemente desconhecido era temível não só para Colombo ou os imigrantes. O homem contemporâneo também se sente ameaçado diante do desconhecido.

Se a visão que o genovês Cristóvão Colombo tinha da América refletia muito do imaginário europeu do século XV, a percepção de "Merica", como se diz em dialeto vêneto, não era diferente para os novos aportados. Os quatro séculos que separavam esses dois tipos de "descobridores" tinham forjado um imaginário menos fantasioso, porém ainda idealizado, como veremos nas canções, poesias, cartas, enfim, o suporte possível de análise para aqueles que se dedicaram a estudar a cultura popular(9).

Não eram mais as descrições do *Livro das Maravilhas*, de Mandeville, nem o *Imago Mundi*, do cardeal d'Ailly, com os quais Colombo se impregnara antes de tentar sua travessia(10), que davam subsídios, no final do século XVIII e início do

Na página ao lado, frontispício do *Gula do Emigrante*, de 1886; acima, páginas dos passaportes expedidos em Mântova, a 27 de agosto de 1924, para retorno de Anselmo e Adele Bellodi ao Brasil

6 C. Ginzburg (Introdução), in P. Burke, *Cultura Popolare nell'Europa Moderna*, Milano, Mondadori, 1980, p. 1.

7 E. Labrousse, cit. in J. Le Goff e P. Nora, *História: Novos Objetos*, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1976, p. 69.

8 M. Vovelle, *Ideologias e Mentalidades*, São Paulo, Editora Brasiliense, 1991, pp. 299-331.

9 P. Burke, op. cit., pp. 27-8.

10 L. Mello e Souza, *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*, São Paulo, Companhia das Letras, 1986, p. 22.

século XIX, para a idealização da América que os imigrantes esperavam encontrar.

Esse universo da exuberância de uma terra onde os pés de milho alcançavam dois metros alicerçava-se na bagagem cultural da qual esses imigrantes eram portadores, e onde Cristóvão Colombo, como veremos, também tinha o seu papel. Mas a miséria, a expulsão de suas terras, o anseio da mão-de-obra farta e barata por parte dos fazendeiros paulistas, apoiados em instrumentos como os "guias para os que desejavam imigrar", ou nos agentes imigratórios, fizeram a sua parte.

O problema da fome na Europa e sobretudo na Itália (que vai ser aqui nosso foco principal de interesse) não era novo. Piero Camporesi mostra como, no século XVII, médicos, matemáticos, filósofos, religiosos, enfim, a inteligência da época, uniam-se à classe dirigente no apoio ao uso de alucinógenos e medicamentos hipnóticos para "neutralizar o furor da multidão", que, esfomeada, se batia por um pouco de comida. O consumo de drogas, através do pão ou qualquer outro alimento popular, chegava a ser incentivado para reconduzir os maltrapilhos, "através do sonho, à razão desejada pelos grupos poderosos" (11).

No final do século XVIII, os métodos haviam-se sofisticado – a expulsão parecia uma solução menos condenável para uma fome que se tornava endêmica. As razões que levaram a Itália a se desfazer, entre migrantes temporários e permanentes, de nada menos do que "17 milhões de indivíduos entre 1861 e 1920" (12), já foram bastante analisadas (13). No entanto, o fato concreto era que, após a Unificação, a emigração tornou-se uma necessidade para a Itália. "Era preciso que 200 mil a 300 mil indivíduos partissem por ano, para que pudessem encontrar trabalho os que ficavam" (14).

Nesse contexto, por que não fechar os olhos para o papel que assumiam certos mitos sedimentados na cultura popular?

No imaginário dos camponeses italianos, a representação da América não tem uma conotação geográfica precisa, ou melhor, o continente sobrepõe as suas partes. Na evocação dos imigrantes, o que conta é a América, e não os Estados Unidos, Argentina ou Brasil, só para citar os países que maior número de italianos receberam. São raros os exemplos como o deste canto vêneto, em que o Brasil aparece nominado:

"Vamos para a América  
Naquele belo Brasil  
Aqui ficam os nossos ricos senhores  
A trabalhar a terra com a enxada!" (15).

Numa entrevista com uma senhora que voltou dos Estados Unidos para a Alta Val Trebbia, na Ligúria, M. R. Mangini ressalta como durante toda a conversa a ex-imigrante evocava São Francisco, onde vivera, com as palavras: "Ah... Mas a América é bela... É verdadeiramente bela!" (16).

Apesar de um contexto econômico e social muito diverso do vivido por Colombo, é interessante como a riqueza, a abundância e a grandiosidade são ainda temas recorrentes nas manifestações culturais do período imigratório, quase como uma necessidade de acreditar que o mundo melhor ainda era possível. Assim, a exuberância é representada de diferentes maneiras, como mostra esta canção:

"Em janeiro, no Brasil,  
Os homens se fartam de comer,  
Em campos tão pródigos  
Que as folhas dos 'morari'  
São grandes como chapelões  
E nos dias de festas, os pais  
Comem feijão com 'verze'  
E as filhas se perfumam com mil odores" (17).

Outro tema recorrente é o de um paraíso desconhecido, que, ao contrário daquele imaginado por Colombo, não estaria repleto de pérolas e riquezas inenarráveis, mas era quase como um presente esperado para a cura de tantos males associados à miséria. Este poema, de autor desconhecido, é bem elucidativo:

11 P. Camporesi, *Il Pane Selvaggio*, Bologna, Il Mulino, 1979, pp. 117-30.

12 E. Sori, *L'Emigrazione Italiana dell'Unità alla Seconda Guerra Mondiale*, Bologna, Il Mulino, 1979, pp. 19-20.

13 E. Sereni, *Il Capitalismo nelle Campagne (1860-1900)*, Torino, Einaudi, 1980; E. Franzina, *La Grande Emigrazione*, Venezia, Marsilio, 1976.

14 P. Longhitano, *Relazione Commerciale tra Italia e Brasile. Proposta di Tutela del Colono Italiano al Brasile*, Genova, Tip. Marzana, 1903, p. 11.

15 E. Franzina, op. cit., p. 204.

16 M. R. Mangini, "Il Mito Americano nelle Testimonianze degli Imigranti: il Caso della Val Trebbia", in *La Via delle Americhe - L'emigrazione Ligure tra evento e racconto*, Genova, SAGEP Editrici, 1989, pp. 83-6.

17 E. Franzina, op. cit., p. 206. Não encontrei tradução exata do dialeto vêneto para as palavras *verze* e *morari*. *Verze* seria uma espécie de chicória. De qualquer forma, o que interessa é que para nós, hoje, parece inadmissível que se precise de uma festa para comer feijão com chicória, mas esta era a realidade de então. Em determinadas regiões comia-se pão de farinha de lentilha selvagem e quando faltava trabalho cozinhavam-se ervas selvagens que se comiam sem condimento nem pão. Ver D. Taruffi; L. de Nobili; C. Lori, *La Questione Agraria e l'Emigrazione in Calabria*. Note *Statistiche ed Economiche*, Firenze, Tip. Barbera, 1908, p. 773.

" Mas que será esta América  
Um buquê de flores  
Que vem de montanha?  
Cuidem que não o molhem  
Pois se deve presentear  
O navio está pronto  
O marinheiro vai embora  
Ouça minha mãe,  
Para a América estou indo!" (18).

Interessante neste poema ainda é um outro tema sempre presente nas representações daqueles que partiam — a figura da mãe. Claro que ele nada tem a ver com o processo migratório e o ultrapassa com certeza, mas a mãe sempre aparece como a figura a qual se é obrigado a deixar.

Não é preciso muito esforço para entender como a imagem desse paraíso desconhecido era realimentada incessantemente. A fome secular, a particularidade assumida pela implantação do sistema capitalista na Itália(19), que, por mais *sui generis* que tenha sido, manteve as regras básicas de expulsão de grandes levas de camponeses das suas terras, mais a máquina montada por países ávidos de mão-de-obra farta e barata, tiveram grande papel na manutenção de um imaginário paradisíaco.

Antes da criação, pelo governo paulista, em 1886, da Sociedade Promotora de Imigração, responsável pelo grande ingresso de italianos nesse estado, calculava-se que, no final do século, um exército de agentes e subagentes alcançava a cifra astronômica de 20 mil pessoas(20). Comerciantes, padres, funcionários do governo, entre outros, faziam parte desse contingente e pouca dificuldade tinham em incensar esta imagem de uma terra grandiosa e de riqueza fácil.

É ainda um imigrante que nos mostra como o " rumor" sobre a América penetrara em todos os lugares: " Se tem divulgado muito na Europa, principalmente na Itália, minha pátria, a idéia: vamos para a América que lá se deve estar muito melhor do que aqui... Enganados por qualquer carta ou iludidos pelos boatos que (na Itália se tornaram constantes) o sangue se esquenta e todos não raciocinam mais... (Partem)... com a firme esperança de retornar, sabe-se quando, ricos e com saúde e comprar este terreno ou aquela casa sobre a qual já tinham posto os olhos tempos atrás" (21).

Os guias para imigrantes, outro recurso utilizado pelo governo brasileiro, ajudavam não só a manter o mito, como davam a este certa credibilidade, pois eram instrumentos oficiais do governo.

Na sua forma, estes guias, antes de dizer por que se devia imigrar para o Brasil, davam uma idéia das condições geográficas, econômicas e políticas do país, citando também trechos da legislação vigente para os estrangeiros, que, quando se pensa nas condições de quem deveria atingir, nos fazem rir.

Dados sobre as religiões, bem como sobre as indústrias e culturas existentes, completam essa verdadeira panacéia onde cidades que estavam a 400 ou 500 quilômetros de distância da capital eram mostradas como localidades ideais àqueles que lá quisessem se instalar.

Vinham em seguida os argumentos em favor da opção por São Paulo: o maravilhoso clima, um solo fértil e adequado às plantas européias, a religião católica, a facilidade de comunicação — porque o italiano era quase a segunda língua em São Paulo — e sobretudo a boa remuneração!!!(22).

Não é o caso de avaliar aqui o papel desses guias, mas o que permanece, como diz uma analista desse material, é uma " imagem ideal e indolor da experiência migratória feita por quem jamais teve experiência semelhante e que, se um dia provavelmente vier a ter, será como viajante, observador, capelão de navio ou funcionário assistencial" (23).

Cristóvão Colombo, talvez pela proximidade de origem, é ainda, durante a viagem, tomado pelos imigrantes como a grande figura que descobriu a América e possibilitou que muitos pudessem encontrar a riqueza. No entanto, os primeiros sinais de desconforto causados pela travessia começam a aparecer, contrapondo o mito a uma realidade que pouco tinha do idealizado.

" Trinta dias de navio a vapor  
Até a América, onde chegamos,

18 Extraído do Catálogo da Exposição Itália — Brasil. *Relações entre os Séculos XVI e XX*. São Paulo, Masp/Fondazione G. Agnelli, 1980, p. 54.

19 Na Itália (quando da passagem para a industrialização), a transformação capitalista da agricultura tinha sido total numa área relativamente reduzida, a planície padana (...), enquanto em outras regiões ela se realizara ou estava realizando-se de modo bastante incompleto, dando origem a formas híbridas de relações de produção e não tinha sequer ocorrido em vastas regiões da Itália meridional nem nas ilhas. Ver G. Cantelero, *Storia dell'Italia Moderna. Lo sviluppo del capitalismo e del movimento operario. 1871-1896*. Milano, Feltrinelli, 1977, p. 235-37.

20 E. Sori, op. cit., p. 309.

21 E. Franzina, *Merica! Merica! Emigrazione e Colonizzazione nelle Lettere dei Contadini Veneti in America Latina. 1876-1902*. Milano, Feltrinelli, 1979, p. 195 (lettere di Francesco Constantin).

22 *Stato (Lo) di San Paolo (Brasile) agli Emigranti. São Paulo, Tip. Salesiana, 1902. A Imigração e as Condições do Trabalho em São Paulo*. São Paulo, Secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Públicas de São Paulo, 1915.

23 C. Luppi, "Qualche Consiglio per chi Partì. Le Guide degli Emigranti" (1855-1927), in *Movimento Operário e Socialista*, Genova, (1-2), gennaio-giugno/1981, pp. 77-89.

Não encontramos nem palha, nem feno,  
Dormimos sobre a terra batida  
Como os animais quando repousam."

"Viva, viva Cristóvão Colombo,  
Que descobriu a parte do mundo  
Que a habilidade dos bravos italianos  
Ajudou a construir países e cidades" (24).

Logo, no entanto, o cotidiano no país de destino se encarregou de destruir o sonho. A imagem de grandeza, fortuna fácil e pouco trabalho é substituída pela dura consciência da realidade que eram obrigados a enfrentar. Mesmo assim, como se fossem protagonistas de uma história que não podiam acreditar verdadeira, os imigrantes relutam em enfrentar o inimigo mais próximo. Sua revolta não se extravasa contra os fazendeiros, capangas, governo italiano, ou, como muitos imaginaram possível, contra o sistema de expropriação que o capitalismo impunha às classes subalternas.

É contra o "Novo Mundo" e contra Cristóvão Colombo que eles se revoltam, como se o sonho que os impulsionara a abandonar o país de origem fosse responsável pelas atrocidades que enfrentavam em terras brasileiras. Algumas cartas são bastante elucidativas a esse respeito. "Depois de uma longa travessia, cheia de borascas, chegamos na América, onde se acreditava encontrar as delícias da terra, isto é, trabalhar pouco e ganhar muito, mas, em vez disso, encontramos o contrário, se trabalha muito e se ganha pouco, e ainda se come muito mal, porque os alimentos não têm a mesma substância que existe nos alimentos italianos... A América hoje não é mais a América. Aqui a riqueza desapareceu. Nós ainda estamos bem porque vivemos num lugar onde o clima e a água são bons, mas o calor incessante e os insetos que nos atormentam não nos permitem viver tranquilos" (25).

Em outra carta lê-se: "Eu te digo que muitos que estão aqui praguejam contra a América e Cristóvão Colombo que a descobriu" (26).

O contato com a nova terra vai aos poucos construindo um mundo imaginário às avessas, como se fosse necessário mais uma vez se apegar a alguma coisa para aplacar o ódio contra Colombo e sua descoberta.

O pouco que restou do mundo idealizado, previamente ao ato de emigrar, torna-se citação obrigatória nas cartas dos imigrantes e, claro, passa a ser reforçado pelos observadores da época, como cônsules, jornalistas, funcionários do governo, que ajudam a criar para a pátria expulsora uma justificativa plausível para o êxodo com o qual foram coniventes.

Ter alimentos, água e um bom clima aparece quase como uma bênção, sobretudo para aqueles que estavam aqui há mais tempo. Em quase todas as cartas citadas por E. Franzina aparecem referências similares a esta: "Temos porcos, uma vaca, galinhas e frangos... e podemos comer bem" (27).

Esta posição em nada difere da de V. Grossi, um entre tantos observadores da época, que, analisando as casas dos colonos, diz: "Toucinhos e linguiças pendiam do teto da cozinha, legumes, milho e frutas secas estavam amontoados num pequeno depósito situado no fundo da casa" (28).

Dessa forma, o mecanismo se repete. Saciar a fome passa a ser uma referência digna de enaltecimento. Era melhor para a Itália expulsar os esfomeados do que tê-los em seu território enfurecidos, colocando em risco os privilégios da classe dirigente que completara o processo de Unificação. Mas, ao lado das referências sobre a possibilidade de comer, novos mitos começaram a se delinear. O "sonho da volta" e da "bela Itália" toma paulatinamente o lugar da "grande América", e assim os relatos mudam de tom: "Se o Altíssimo Deus me der um pouco de sorte, dentro de alguns anos torno à minha querida pátria" (29). Ou ainda algo mais desesperado, escrito por um pai que perdera seis filhos assim que chegara ao Brasil, e que diz: "Se o Senhor me der vida e saúde, conduzirei o mais rápido possível para a Itália os filhos que me restaram" (30).

Dessa forma, o comportamento dos "novos" descobridores da América passa a ser pautado por uma reformulação no campo do imaginário, que, se não os transforma em aguerridos opositores do sistema, não os imobiliza diante das desilusões. Como diz uma autora, "o comportamento é mais o efeito de velhas idéias operando num contexto novo, ou em mudanças, do que produto de novas idéias..." (31).

24 E. Neill, "Note sull'Emigrazione nella Canzone Popolare", in *Movimento Operário e Socialista*, Genova, (1-2), gennaio-giugno/1981, pp. 109-15.

25 E. Franzina, *Merica!...*, op. cit., p. 154 (lettere di Sante Paporoto).

26 *Idem*, *ibidem*, p. 166 (lettere di Donato Zamboni).

27 *Idem*, *ibidem*, p. 159 (lettere di Giovanni Polese).

28 V. Grossi, "Gli Italiani a San Paolo", in *Nuova Antologia*, Roma, LXV, (CVIII), set./1986, p. 247.

29 E. Franzina, *Merica!...*, op. cit., p. 167 (lettere di Donato Zamboni).

30 *Idem*, *ibidem*, p. 172 (lettere di Bortolo Rosolen).

31 J. W. Scott e L. A. Tilly, "Women's Work and Family in Nineteenth Century Europe", in *Comparative Studies in Society and History*, New York, 17(1), jan./1975, p. 42.

Talvez seja essa transfiguração do mito ou quem sabe uma adequação deste a novos valores que levaram a outros deslocamentos.

O constante movimento do grupo italiano em São Paulo, em busca da cidade, de novas ocupações no campo, que não a de colono, a procura de outro país para imigrar, como a Argentina, e o próprio retorno para a Itália, que obrigou modificações das relações de trabalho nas fazendas cafezeiras, talvez só tenham sido possíveis porque, ao não se julgarem fortes e capazes de uma ação de conseqüências políticas mais consistente, os imigrantes acreditaram no "sonho da volta" e da "bela Itália".

É possível que suas hostilidades (a dos pequenos artesãos) frente à nova industrialização fosse uma atitude atrasada e retrógrada, seus ideais humanitários puras fantasias e suas conspirações revolucionárias pretensões infantis. Mas eles viveram aqueles tempos de aguda transformação social, e nós não. Suas aspirações foram válidas à luz da sua própria experiência(32).

Na trilha da história das mentalidades, em São Paulo, sobretudo relativas aos grupos imigrantes, um trabalho extenso está por ser feito, para se chegar a algumas certezas de como essa passagem do mito da "América de Cristóvão Colombo" para o "sonho da volta para a bela Itália" foi responsável por muitas atitudes dos imigrantes ainda pouco compreendidas.

Testamentos, cartas recebidas dos parentes que ficaram na mãe-pátria, práticas religiosas não-convencionais, como benzimentos, simpatias, etc., fazem parte de um universo do qual muito resta a pesquisar.

Mesmo no campo político se tem discutido exaustivamente a participação, ou não, dos italianos no movimento operário em São Paulo, do qual algumas obras merecem todo o respeito(33). Ainda assim, alguns indícios mereceriam análise mais detalhada, se pensarmos politicamente quem eram as figuras reverenciadas pelos italianos.

Alguns observadores da época, ao deixarem descrições das casas dos imigrantes, mostram elementos interessantes. "Das paredes pendiam imagens de santos, crucifixos, retratos de parentes distantes, quadros da família real, de Garibaldi ou Mazzini" (34).

Giuseppe Mazzini, além de importante crítico literário e um dos grandes contribuidores para a introdução do romantismo na Itália, foi político e revolucionário. Esteve algum tempo ligado aos carbonários e seu objetivo maior era libertar a Itália do jugo estrangeiro e criar uma república federativa. Sua influência na Unificação italiana foi mais indireta, através do respeito que um grupo de "intelectuais de extração pequeno-burguesa devotava a seus escritos" (35), do que uma atuação mais consistente. Mesmo porque a Unificação, ao se dar sob a égide da monarquia italiana, obscureceu seus ideais republicanos.

Giuseppe Garibaldi, por seu lado, mais conhecido dos brasileiros por seu momento de exílio do que pela ação na Itália, é também uma figura a ser analisada no imaginário dos imigrantes italianos. Suas andanças pelo Brasil, durante a guerra dos Farrapos, no Sul, ao lado de Fructuoso Rivera no Uruguai, e de Rosas na Argentina, lhe deram uma experiência em guerrilha que foi importante no momento da Unificação italiana. Sua vida de luta transforma-o num símbolo do nacionalismo popular do século XIX e tanto sua figura como a de Mazzini fazem parte de um universo mental que muito leva a refletir.

A Unificação teve a princípio graves conseqüências para a economia camponesa, uma vez que os médios e pequenos proprietários não estavam preparados para uma economia de mercado. Se considerarmos esse fato, chega a ser curioso que essas figuras tão comprometidas com o movimento viessem a ser reverenciadas com um lugar de honra nas paredes das casas dos colonos. Assim, fica uma pergunta: eram símbolos ideológicos ou de identificação com a pátria? De identificação com homens que os fazia ainda sentirem-se italianos em terras tão distantes como o Brasil?

Um aprofundamento na análise sobre a mentalidade camponesa transferida para o Brasil com certeza ajudaria, e muito, uma melhor compreensão do que muitos observadores chamaram de uma tênue participação política(36), bem como do processo de "fácil assimilação" aceito por grande parte da historiografia, que vê na ausência de atritos explícitos entre italianos e nativos, ou mesmo entre imigrantes e fazendeiros, uma prova de que esta integração em terras paulistas foi fácil e incontestada(37), o que julgamos muito longe da verdade.

Ficam aqui algumas inquietações que espero sirvam para investigações futuras.

32 E. P. Thompson, *La Formación Histórica de la Clase Obrera - Inglaterra: 1780-1832*, Barcelona, Laia, 1977, pp. 12-3.

33 M. M. Hail, "Emigrazione Italiana a San Paolo tra 1880 al 1920", in *Quaderni Storici*, Roma, (25), gen.-apr./1974; idem, *Imigração e Classe Operária em São Paulo*, Universidade Estadual de Campinas, 1976, mimeo.

34 V. Grossi, "Gli Italiani a San Paolo", in *Nuova Antologia*, Roma, LXV (XVIII), p. 247, set./1966; M. B. Zanotti, "Il Distretto dell' R. Vice Consolato d'Italia in Ribeirão Preto", in *Bollettini dell' Ministero degli Affari Esteri* (8), ago./1915, p. 47.

35 S. Romano, *Storia d'Italia dal Risorgimento ai nostri giorni*, Milano, Mondadori, 1977, p. 17.

36 J. S. Martins, *A Imigração e a Crise do Brasil Agrário*, São Paulo, Fiebrina, 1973.

37 E. R. Durhan, *Assimilação e Mobilidade*, São Paulo, Instituto de Estudos Brasileiros-USP, 1966.